

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Diário do Grande ABC (52)* Class.: 179

Data *18 de abril de 1982* Pg.: _____

Semana do Índio: A tomada de consciência de uma raça

Texto: Cláudia MULLER
Fotos: Arquivo Dgabc

A Funai nunca cumpriu com sua tarefa principal, ou seja, a aplicação correta do Estatuto do Índio. Isso tem gerado muita matança, muita injustiça e muita exploração junto às comunidades indígenas do Brasil. E preciso dar um basta nisso, daí a necessidade de se estruturar em definitivo a União das Nações Indígenas, já conhecida pela sigla Unind. E preciso aproveitar o início da Semana do Índio, proposta pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

As frases são do índio Alvaro Doethiro, 29 anos, mais conhecido como Alvaro Tucano por pertencer à tribo do mesmo nome, originária do alto do rio Amazonas. E refletem, segundo ele mesmo fez questão de frisar, o rompimento dos laços com a antiga política que sempre norteou os interesses dos brancos em detrimento do índio no Brasil. Nasce portanto um novo posicionamento, e com ele a União das Nações Indígenas, criada em 1980 em Campo Grande e que somente agora, no início de junho, elegerá uma diretoria efetiva, num encontro que deverá reunir 300 representantes. Local: Brasília, em lugar ainda não determinado.

Alvaro está em São Paulo na condição de representante da Unind e participa — em conjunto com o núcleo do Movimento Pró-Índio da Capital — de palestras e programas em comemoração à Semana do Índio, iniciada hoje, e com término previsto para o próximo domingo. No dia 3 de maio Alvaro tem uma reunião marcada com Lula, presidente Nacional do PT, na Assembleia Legislativa. Objetivo: estudar formas de organização dos povos indígenas que possam defender os interesses e preservar os direitos da raça.

Coesão da idéia indígena e fé na criança branca

Diário: Quais são os objetivos da Unind?
Alvaro: A Organização das Nações Indígenas tem como objetivo atuar como ponte intermediária entre os índios e a Funai, os índios e os políticos, o índio e a igreja. Aproximadamente 40 nações indígenas dela participam ativamente e só não há maior adesão devido às dificuldades geradas pela distância entre os povos. Fora isso nós temos espalhados pelo Brasil mais de 180 nações, sendo que 166 delas continuam mantendo suas línguas distintas. Daí o interesse em formar uma coesão da idéia indígena. Acreditamos que somente através de uma organização entre os povos é que teremos condições de chegar a isso, e temos consciência de que ela é nociva a certos interesses empresariais e governamentais. A Funai está sendo muito pressionada por esses grupos, por isso o órgão — que foi criado para atender os interesses dos índios — agir exatamente de forma contrária.

Diário: Que pressão é essa?
Alvaro: Existem muitos projetos agropecuários, como por exemplo o Carajás. Nessa área vivem os índios Carajás, e que estão sendo explorados dentro de sua própria terra. Outro exemplo é o projeto da Pólo-Amazônia, desenvolvido desde 74 no Norte do Brasil e que, sob o pretexto de explorar a Amazônia economicamente, quase exterminou com o povo Nhambiquara. Toda a área pertencente a essa tribo virou ponto de interesse das grandes empresas, que possuem homens ligados às instituições financeiras com fins lucrativos. Isso destrói a vida e a organização dos índios. É só lembrar o que aconteceu recentemente em Roraima, com a invasão dos garimpeiros. Os grandes grupos conquistam os índios com presentes e vão aos pou-

cos tomando-lhes as terras para a exploração de minério e urânio. Isso é violação dos direitos humanos.

Diário: Quando a Unind começou a surgir?

Alvaro: A Unind começou a surgir a partir de 79, quando várias aldeias tiveram de lutar contra alguns grandes latifundiários para defender suas terras. Houve sucessivas revoltas dos índios Guajajaras, do Maranhão, contra peões e fazendeiros, com os conflitos espalhando-se para todo o Brasil. Era preciso que o índio começasse a se unir, já que a Funai não intercedia em nada. E claro que a tentativa de organização custou a vida de muitos chefes indígenas, como por exemplo do cacique Angelo, da tribo Pankararé. Este período marcou o final da chamada integração da Amazônia, que só trouxe problemas para as comunidades indígenas.

Diário: O que a Unind conseguiu de 79 para cá?

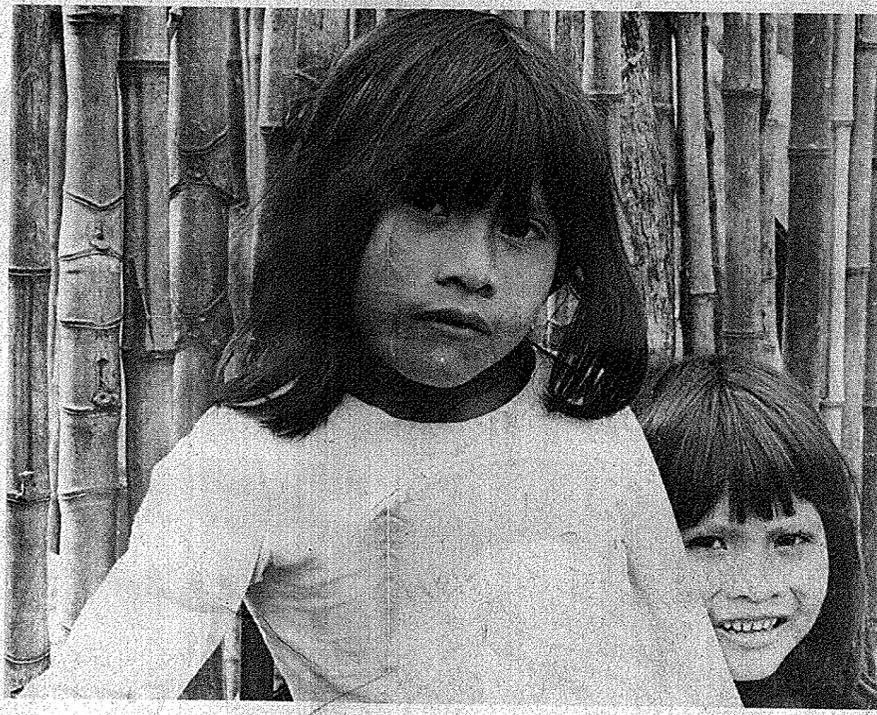
Alvaro: A própria organização das tribos no sentido de defender seus interesses já foi um grande passo, pois o índio nunca teve coragem e nunca foi estimulado a se organizar. O índio nunca chegou a comemorar a sua semana, e isto já está acontecendo. O próximo passo será lutar contra o posicionamento de alguns funcionários da própria Funai, que não estão de acordo com os interesses dos índios. São mais políticos do que funcionários. Posso dar um exemplo citando o nome de Alvaro Villas-Boas que — por não possuir grande prestígio junto a determinadas aldeias — vive dizendo que a União das Nações Indígenas é produto dos antropólogos, que são contra a Funai e contra o governo. Mas não é nada disso, a União quer fazer um trabalho conjunto com os missionários, com a própria Funai e manter um diálogo direto com a sociedade envolvente. Hoje em dia, graças a Deus, a própria CNBB já tomou consciência da problemática do índio, e distribuiu junto as escolas de todo o Brasil livros destinados ao 1º e 2º graus que dão uma visão renovada do índio.

Diário: Pode-se dizer que para chegar a isso o índio sofreu vários tipos de massacre, entre eles o físico e o cultural?

Alvaro: Acho que o Brasil foi o País que mais matou índios na América do Sul, tanto que dos cinco milhões que existiam na época do descobrimento estamos reduzidos a 220 mil. Mas a nossa intenção é crescer novamente. Não há dúvidas de que existe também um massacre cultural, com a própria Funai querendo obrigar o índio a ser branco para nortear seus interesses. Não existe interesse no sentido de que o índio se emancipe a partir de sua própria cultura e maneira de ser. E só observar o que ocorreu com o Estatuto dos Índios, criado para defender os interesses da raça e nunca aplicado na prática.

Diário: O que o Estatuto prevê mas não aplica?

Alvaro: Ele diz que a gente pode educar nossos filhos conforme a própria cultura indígena, mas praticamente isso não se vê nas escolas. Nos livros nós aprendemos mais a história do branco do que do próprio índio. Eu por exemplo não sei a história do meu grupo Tucano, mas conheço as origens do paulista, do carioca... Outro problema diz respeito à demarcação das terras dos índios. De acordo com o Estatuto, as terras habitadas pelos índios seriam demarcadas no período de 1973 a 1978, com a consequente posse da área, por parte de seus ocupantes. Mas até agora nada foi feito nesse sentido. A nossa esperança está centralizada nos intelectuais de vários níveis e que têm consciência de que também estão sendo explorados. Por este motivo acreditamos na criança de amanhã, filha desses pais brancos que ainda gostam dos índios e lutam pelos seus interesses.



Já no Estatuto do Índio, promulgado em 73, ele é considerado relativamente incapaz e, por isso, colocado sob a tutela da União. Um dos principais motivos de protesto dos que defendem o índio, hoje, é a demarcação de terra, entregue aos governos estaduais.

DIÁRIO DO GRANDE ABC

Caderno

C

16 páginas

Domingo, 18 de abril de 1982



“Acho que o Brasil foi o País que mais matou índios na América do Sul... A própria Funai quer obrigar o índio a ser branco”. (Palavras do índio Alvaro Tucano, que participa, em São Paulo, de palestras e conferências relativas à Semana do Índio).

Esta reportagem conclui na última página deste Caderno